

## **APRESENTAÇÃO DO VOLUME**

### **Autores:**

*Maria do Rosário Ferreira*

[rosarioferreira.fluc@gmail.com](mailto:rosarioferreira.fluc@gmail.com)

*Miguel Aguiar*

[miguelper.aguiar@gmail.com](mailto:miguelper.aguiar@gmail.com)

### **Título:**

*Dossier «Parentesco, aristocracia e reprodução social»*

### **Como citar esta apresentação:**

Maria do Rosário Ferreira & Miguel Aguiar, «Dossier “Parentesco, aristocracia e reprodução social”», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, nº 5, 2020, pp. 5-8.

DOI: 10.21747/21839301/gua5ap

## DOSSIER «PARENTESCO, ARISTOCRACIA E REPRODUÇÃO SOCIAL»

O conjunto de estudos apresentados neste número dedicado de *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais* constitui um dos mais relevantes resultados científicos do projecto MELE (Da Memória Escrita à Leitura do Espaço – Pedro de Barcelos e a identidade cultural do Norte de Portugal, POCI-01-0145-FEDER-032673)<sup>2</sup>, e teve como ponto de partida o colóquio internacional *Aristocracia, parentesco e reprodução social na Idade Média*, realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em fevereiro de 2020<sup>3</sup>, um escasso mês antes da declaração de pandemia COVID 19, que tanto coartou as iniciativas científicas em presença, promotoras de uma partilha de perspectivas e conhecimentos maximamente eficaz e de uma reflexão conjunta profunda, participada e produtiva sobre as mais complexas áreas de estudo.

Coincidindo com a temática do doutoramento, então em curso, de um dos membros da equipa de investigação do MELE<sup>4</sup>, esse colóquio encontrou entusiástico apoio, já que o projecto colectivo se centra na obra de Pedro de Barcelos e na visão aristocrática da Hispânia e do mundo que ela testemunha e veicula, com particular incidência no *Livro de Linhagens*. Tanto no período de preparação do colóquio e das comunicações a apresentar, quanto durante o próprio encontro e a partilha e reflexão que aí se produziram, como ainda através da continuada discussão e ponderação de ideias que veio a gerar no âmbito do MELE, este enquadramento e cooperação proporcionou uma frutuosa colaboração científica que expande, sem a desvirtuar, a temática inicialmente proposta. A investigação produzida em todo o processo frutifica agora neste conjunto de estudos.

A heterogeneidade dos contributos aqui presentes ilustra bem as virtualidades das temáticas propostas enquanto linhas de pensamento suscitadoras de um vasto campo de investigação. Nele cabe uma definição larga de parentesco, não se restringindo à dimensão da consanguinidade – que por inerência traduz a concepção «biologista» da sociedade contemporânea, devedora, entre outras coisas, da vulgarização do conhecimento científico sobre o engendramento dos seres humanos. Como se poderá constatar, cada um à sua medida, os artigos abordam as relações de consanguinidade, de aliança, mas também as relações de parentesco ditas «artificiais», nomeadamente ao nível da vassalagem, da criação, e da cavalaria. Este vasto campo parte de um modelo de relações específico do Ocidente medieval, apoiado num conjunto de «mitos

---

<sup>2</sup> <https://pedrodebarcelos.wix.com/mele>.

<sup>3</sup> [https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias\\_geral.ver\\_noticia?p\\_nr=103303](https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=103303).

<sup>4</sup> Referimo-nos à Tese de Doutoramento (em cotutela entre a Universidade do Porto e a Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne) *Aristocracia, parentesco e reprodução social em Portugal no final da Idade Média*, que foi concluída e publicamente defendido por Miguel Aguiar, no Porto, em Junho de 2021.

fundadores» de origem bíblica que ordenam as relações sociais. Nesta sociedade, e no espaço central da Europa dominado pelos poderes de França e de Roma, a terminologia de parentesco tende a aplicar-se a um largo conjunto de relações, extravasando largamente a consanguinidade e a afinidade, reflexo da prevalência de um esquema e conceção fraternal das relações sociais, fundada na circulação da *caritas*. No espaço peninsular afirmam-se algumas especificidades que, acolhendo-se embora à mesma legitimação transcendente, não deixam de reclamar para as relações de parentesco e para a regulação social por elas proporcionada um papel mais aristotelicamente pragmático.

De acordo com estas perspectivas amplas, o parentesco é uma estrutura de base e de enquadramento da organização social. No caso dos grupos aristocráticos, o parentesco assume-se não só como essa estrutura de base, através da qual se entretecem relações de poder e circulam as bases materiais que lhe dão expressão, mas também como uma componente identitária central e como um argumento de legitimação da posição dominante que ocupam.

O *dossier* conta com sete contribuições. O artigo de José Augusto de Sottomayor-Pizarro oferece uma visão panorâmica da evolução dos estudos dedicados à aristocracia, à família e ao parentesco, demonstrando nomeadamente a grande dinâmica produtiva da historiografia da segunda metade do século XX, e os muitos caminhos ainda por desbravar pelas novas gerações de investigadores. Por seu turno, Anita Guerreau-Jalabert oferece-nos um texto que expõe, por um lado, alguns pressupostos metodológicos essenciais ao estudo do parentesco e da aristocracia, e por outro lado a profunda influência exercida por Santo Agostinho na definição das conceções que a sociedade medieval assumia sobre este tipo de relações. Já António Resende de Oliveira elaborou um estudo acerca da composição da casa senhorial de Pedro de Barcelos, nela se evidenciando não apenas indícios das práticas de organização e gestão dos domínios senhoriais e fundiários da aristocracia, mas também as relações de consanguinidade e de vassalagem que se entreteciam no seu seio. João Paulo Martins Ferreira, com base numa meticulosa investigação, oferece-nos um artigo sobre as notícias de investidura cavaleiresca incluídos no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, delas se evidenciando também a importância paulatinamente adquirida por este ritual na criação e exacerbação das relações sociais aristocráticas. Compaginando o pensamento de Santo Agostinho e o prólogo do *Livro de Linhagens* elaborado pelo conde de Barcelos, Miguel Aguiar procura estabelecer os fios condutores relativos às conceções e à importância atribuída às relações de parentesco por parte desse autor, ensaiando igualmente uma série de reflexões e hipóteses metodológicas e concetuais sobre a reprodução social da aristocracia. Centrando-se também no Prólogo do *Livro de Linhagens do Conde*, Maria do Rosário Ferreira aprofunda a relação estabelecida por Pedro de Barcelos entre a noção de *natura* (ou ordem divina), a linhagem e o parentesco de sangue, elementos indutores de uma amizade/solidariedade socialmente pacificadora, preexistente às relações de dominação institucionais e cuja reprodução, enquanto *habitus* embrionário,

*Maria do Rosário Ferreira*  
*Miguel Aguiar*

corresponderia à preservação do *ethos* aristocrático e do capital simbólico da nobreza. Finalmente, José Carlos Ribeiro Miranda, abordando a questão da génese do imaginário genealógico que desemboca na generalização europeia do conceito de linhagem, tenta perceber de que forma o romance arturiano contribui para que, através da ficção, tenha lugar uma reordenação histórica da ideia de aristocracia.

Porto, Maio de 2022

*Miguel Aguiar*

*Maria do Rosário Ferreira*